

BRUXAS E MEDICINA

(FOLCLORE DE GUIMARÃES)

Comunicação apresentada à Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia
em 27 de Janeiro de 1928

POR

LUÍS DE PINA

Assistente do Instituto de Anatomia da Faculdade de Medicina do Porto

« Guimarães, é terra de bruxas ».

Aforismo popular.

« A la suite de l'anatomie, de la physiologie et de la pathologie, la science sans laquelle l'anthropologie ne pourrait exister est l'ethnographie ». Pondo no limiar deste trabalho essas palavras do grande Topinard (1), assim como legenda de pórtico, eu não tenho outro fim em vista senão o de justificar minha obra perante esta sociedade. Nos derradeiros anos tem sido o Folclore tão divulgado, estudado, e tão abundantemente deitado à letra redonda dos tômos, que nos sentimos em embarços, peados da inteligência, quando o tentamos dispor em capítulos, isto é, metodizá-lo. E assim é que, intentando fazê-lo, nos esbarramos, na grande cópia de territórios em que teríamos de separá-lo; mas para mim, Médico que sou, encontro no nosso Folclore um filão riquíssimo para explorar: *A medicina na tradição popular.*

(1) P. Topinard, *Elements d'Anthropologie.*

A colheita, a investigação de tal matéria dar-nos-ia dêle, e só por si, uma muito curiosa parte, necessariamente retalhada em competentes capítulos; catando tradições, quer pessoalmente, quer nas fôlhas das obras especializadas, quer ainda nos informes-seguros de amigos (1), eu possuo já, em variados canhenhos, arroladas e compostas, minhas colheitas etnográficas. E, lendo-as, meditando-as, perscrutando-lhes o fundo, eu tenho delas esta poderosa impressão:—a sua grande parte assente na Medicina, em especial naquele ramo que se chama Terapêutica. Então, no obcecante desejo de trazer para o Folclore e, adei, para o estudo da História da Medicina Lusitana, bastante incompleta ainda, algumas réstias de luz, eu guiei meus trabalhos etnográficos unicamente para esta senda: a Medicina no nosso Folclore, a Folc-Medicina. Felizmente que alguém, e alguém de alto nome, encetou tão curiosa tarefa; muitos são já os médicos portugueses que em tal campo fixaram algumas vezes sua boa canceira (2). Essa obra seria interessantíssima e proveitosa, e lá fora, no sempre citado estrangeiro, não tem conta os trabalhos dessa espécie (3). Dizia H. C. Coote, na crítica à obra de W. G. Black, de Londres, baptizada com o feliz nome de *Folk-medicine* (4): «L'autore di

(1) Entre eles o distinto etnógrafo de Guimarães, Alberto Braga, a quem uma grande amizade me prende. O seu valioso volume *Tradições e usanças populares*, Guimarães, que tem muito completamente relacionado o que o título marca, serviu-me, e servir-me-á sempre que trate das cousas populares daquele concelho, para a elaboração dêste trabalho, tanto quanto eu o podia desejar. Aqui lhe deixo, por suas informações e sua valiosíssima obra, o penhor sincero de meus agradecimentos.

(2) Professores dr. J. Leite de Vasconcelos, dr. J. A. Pires de Lima, e os ilustres médicos drs. Pedro Vitorino, A. Saavedra, Cláudio Basto, Francisco Gonçalves, Barradas, etc., etc.

(3) Entre muitos autores, citarei: Giuseppe Bernoni, Block, Sebillot, Carolina Coronedi, Berti, De Maricourt, Maffei Scipione, etc., etc.

(4) Em *Archivio per le tradizioni popolari*, dirigido por G. Pitré e S. Salomone Marino. Palermo.

questo interessante libro vuol riempire una lacuna importante nell'archeologia demologica, questa sezione importante non avendo ancora ricevuto quel sistematico trattamento che merita nel presente secolo di riflessione; giachè non è a dubitare che la medicina abbia una storia che gioverà di leggere quando sarà stata scritta da un competente autore».

E assim é, de facto. Por mim, tanto quanto possam meu engenho e minha energia, irei organizando os capítulos de Folc-Medicina da região em que o tenho colhido: o concelho de Guimarães.

Êle me dará sobeja vastidão para estudo, já iniciado, aliás, na «Revista Lusitana», do prof. J. Leite de Vasconcelos (1). Que o meu intento seja fructuoso, e de consôlo me sirva, quando não o justo aprêço alheio, ao menos a satisfação do meu espírito, mór prémio de quem trabalha.

*

* *

Da crença no sôbrenatural, da supersticiosa imaginação popular, escólho, desta feita, sômente aquilo que me dá a Medicina no bruxedo, isto é, a Medicina e as Bruxas, a feição curandeira, e pouco mais, dos ensalmos e práticas de tais entidades. Muito se tem trabalhado sôbre tudo o que representa a tendência para o sôbrenatural que o povo denota (2). Apraz-me registar aqui a última obra que sôbre tal conheço: *A Figa*, do prof. L. de Vasconcelos,

(1) *Medicina popular. Segundo a tradição de Guimarães*. 1.º capítulo. *Os Santos Curandeiros*. In «Revista Lusitanã». Lisboa. 1927.

(2) Sôbre êste assunto, mas dum modo geral, sem especialização médica, tem escrito os srs.: J. Leite de Vasconcelos, Consiglieri Pedroso, Tomás Pires, Teixeira Bastos, Adolfo Coelho, Pedro de Azevedo, Cláudio Basto, José de Pinho, etc.

Pôrto, 1925. Para o povo, a doença é um demónio negro que lhe aparece; mas no interpretar a vinda duma enfermidade é que o povo é assombroso de critério:—para si, tudo o que é imaginário, tudo o que é maravilhoso, tudo o que é estranho, origina doenças. A Etiologia de seus males, os gérmens das suas enfermidades têm de ser extraídos do sôbrenatural; a sua Patologia é da mesma raça e na mesma dose, por isso mesmo, extra-humana. As doenças chegam-se à gente de tôdas as formas, por todos os feitios;—aqui, um tuberculoso pulmonar com o diagnóstico de «Chupado das bruxas»; ali, uma desgraçada histérica cujo mal deriva única e indiscutivelmente dum demónio, dous demónios, até uma legião de demónios que do seu malfadado corpo fizeram ninho; acolá, um sífilítico terciário, um coréico, um paraplégico, um hemiplégico, um paralítico geral a quem o Tringlo-Manglo, nem mais nem menos, escadrou os ossos, roeu os nervos, devorou as carnes; ou então um mal de Pott, um torcicolo, uma cefalalgia que foram—deixem lá falar os doutores das Escolas—o efeito dum *arejo*, dum *mau ar*, dum *mau olhado*! E por aí fora, um nunca acabar de diagnósticos *certeiros*, lista sem fim de estranhas etiologias, e, quanta vez, de criminosos prognósticos! O Diabo, as Bruxas, as Mouras, os Bichos peçonhentos imaginários, as Almas Penadas, o ar das Trindades, os Lobis-homens, os Feiticeiros, os Corpos-abertos, o Mau olhado, o Quebranto, o Enguiço, as Beberagens, e mais, e mais, fantástica meada em que, inconsciente e infalivelmente, se vai enrodilhar, perdida e sôfrega, a imaginação popular, no que respeita à perda da sua saúde ou à cura das suas moléstias. Uns, engeridos de extravagantes males, muito aferrados à vida, na poderosa fôrça do espírito de conservação, buscam o Médico, lá trazem o papelinho do *receipe*, lá se apegam à botica salvadora, a tôda a pressa, engolindo pílulas e tisanas; e, se Deus ajuda, aliviam-se, curam. Outros, desiludidos ou não, mais ou menos estúpidos, vão mais perto ou mais longe, a conselho do

vizinho que as exalta:—às Bruxas. E ei-los a caminho, arrasando-se a custo, em padiolas ou carros de bois cobertos de um lençol—por môr da torreira ou das águas da chuva, léguas e léguas, quanta vez!—doidos de esperança no entanto, em demanda da mirífica auréola de tam *santas* mulheres. É ouvir o povo, é ouvi-los, aos doentes curados pela sua poderosa *sciência*: defendem-nas a finca-pé, a sôco, a lodão, *se fizer minga*. E vá lá a gente criticá-las, condená-las: arriscamo-nos a dizerem, com todo o desplante, que somos uns *invejosos como todos os officiais do mesmo officio* (1). E, contudo, o povo que vai às Bruxas, que as respeita, que as defende, é o mesmo povo que contra elas usa amuletos, que as enxota com rezas, que as teme, que foge delas como de pestilência! Contrasenso de espanto é êste, que bem mostra quam vário é o juízo do povo. Mas assim vai êle andando, rente do solo em que nasceu, agarrado à tradição que, às vezes, é a única herança que recebe dos avós, por demais afadigado para nem tempo haver de reflectir sôbre a vida, de modificar a sua inteligência bravía, à falta de pão e à falta de escolas.

Seja Deus louvado! Com culpa e sem culpa, afinal, o ignorante povo. Mas, instruído êle um dia, não seria o que é agora? Modificaria seus juízos, seu pensar, seu critério? É de duvidar que tudo o que lhe povôa a mente respeitante à superstição se varrêsse por completo: alguma coisa restaria (2). Certas práticas

(1) Contaram-me a respeito do atrevimento dichoteiro do povo e dos próprios curandeiros, o seguinte:

«Um Médico velhote de Guimarães, já do século passado, fracturou o úmero, parece. Pensa que pensa, resolve chamar o «*endiretta*», homenzinho muito «*douto*» e de estimação nos arredores; o homem vê, apalpa, ata, encana, deita-lhe a pomada milagrosa; e quando o Médico, aliviado ou não, lhe pergunta quanto deve, o outro, emproado e brioso na sua ridícula deontologia, sôlta isto: «Ora essa, para colega não é nada!»

(2) «E não se julgue que são apenas as camadas humildes, incultas das

populares misteriosas, sôbrenaturais, são às vezes tão nefastas como nefasto é um bacilo, corroem como tóxicos, matam como verdadeiras infecções; e por vezes os seus ritos e as suas técnicas terapêuticas chegam até à selvageria, à maldade, ao crime. É sob este ponto de vista que eu guiarei o meu trabalho, dando elementos ao Antropologista para que melhor conheça a evolução do homem e ao Médico para que de tudo se defenda, defendendo a humanidade sôbre cuja saúde está sempre alerta e vigilante. Em tôdas estas práticas supersticiosas se vê e conhece — o que é bem compreensível e está bem demonstrado — o homem primitivo, o homem da pré-história, o *Homo* rude dos princípios da civilização (1). Para estudar a bruxa e tradições de Guimarães a elas referentes, terei de tocar, ainda que ao de leve, o que se conhece de superstições, usos e costumes religiosos de outras eras, de um modo geral no território que veio a ser Portugal; a seguir traçarei, em duas palavras, a pré-história religiosa do concelho de Guimarães, muito afim, aliás, da de outros territórios portugueses e estrangeiros, como é óbvio.

« Por mais dum motivo, finalmente, atrai a Medicina Lusitana a atenção dos curiosos; o sôbrenatural que a impregnava, dá-nos, como fonte perene de religião e magia, a explicação de certas ideas supersticiosas que nunca cessaram, nem tão cedo cessarão, de dominar o espírito do vulgo. Ora, investigar a vida psíquica de uma nação, ou como simples trabalho especulativo, ou com intuito pedagógico e disciplinar, todos sem dúvida alguma confes-

aldeias, que recorrem às bruxas para tratar doenças ou para afastar malefícios. Conheço pessoas que, a-pesar de bastante educadas e de viverem em meios citadinos, crêem na eficácia dos ensalmos e não hesitam em ir talhar a erisipela, o trasorelho ou a bretoeja». — Prof. dr. J. A. Pires de Lima, *A Teratologia nas tradições populares*. Com. apresentada ao Congresso da Associação Portuguesa para o avanço das Ciências. Pôrto. 1926.

(1) Dr. J. Leite de Vasconcelos, *Religiões da Lusitânia*. Lisboa. 1925.

« serão ser importante escopo da Ciência », diz o ilustre prof. dr. J. Leite de Vasconcelos (1).

Indo escavar a pré-história geral e vimaranense, no que se relaciona com superstições, nada mais desejo que esmiuçar o melhor possível a relação existente entre os povos de antanho e os hodiernos.

*
* *
*

Antes de iniciar este assunto um impulsivo dever me obriga a lembrar aqui um nome: — o do prof. Leite de Vasconcelos; e isto porque a sua obra *Religiões da Lusitânia* é fonte procurada por todos os que a trabalhos destes se aventuram, como por mim, e com elevado prazer, o foi. Ao ilustre Mestre, que me tem dado a honra de sua atenção, aqui ficam meus respeitos e cumprimentos de discípulo grato. E, cumprido meu dever, continuarei.

Nos tempos pré-históricos, da *idade paleolítica* — há que rôr de séculos, em conta fantástica para nosso entendimento — minguado é o que se conhece; todavia, é provada a existência de amuletos (conchas, dentes, placas de ardósia) e ídolos; ligados a religiões bem grosseiras e primitivas, ei-los existentes ainda hoje, em plena civilização do vigéssimo século. Da *idade neolítica*, as ideas religiosas pode dizer-se fundadas no animismo; eis entre os homens desse periodo o uso da trepanação, no intuito de obter o regresso da alma, pela brecha aberta, ao corpo donde se tinha exalado para nêle dar lugar à doença ou como intervenção cirúrgica; eis entre êles o culto da Lua, do Sol, o uso dos amuletos (2) (azeviche, lascas de osso, conchas e dentes

(1) *A Medicina dos Lusitanos*. Lisboa, 1925.

(2) « No periodo neolítico final ou calcolítico, descortinamos algumas idéas mágicas, em amuletos, às quais não é absurdo supor que se subordinassem várias «doenças...» — Prof. L. de Vasconcelos, *A Medicina dos Lusitanos*. Op. cit.

furados) que afinal continuariam em voga no rodar dos séculos vindouros; e ainda o culto dos mortos, o cuidado em deixá-los dormir na paz o sono último, memoriando-os, por gravuras, aos descendentes, e livrando os seus túmulos dos malefícios; o culto pela Natureza, que, no seu belo eterno e nos seus segredos maravilhosos lhes endoidariam mágicamente os olhos e a inteligência deslumbrada (as fontes, as montanhas, as árvores...); sabe-se da existência de danças, feitiços, ídolos, cerimónias, fórmulas mágicas, sortes; imaginem-se os seus bosques sagrados, os *Luci*, onde rudimentares sacerdotes alimentavam o culto, à sombra das copas ou ao clarão das estrelas, deambulando em ritos ao redor das fragas, na adoração de seus deuses grosseiros.

Saltando à *idade dos metais*, as passadas crenças continuam, adornam-se de novas scenas, povoam-se de novas personagens; passa-se assim aos *tempos protohistóricos*. Agora, com a revolução céltica, entra-se propriamente no estudo dos Lusitanos. Derramados pelos corutos dos montes viviam os *Celtici*, dos quais os *Grovii* habitavam Entre Douro-e-Minho, a par dos *Callaici Bracari*; entre o Douro-e-Tejo, fixaram-se os *Lusitanos*, dos *Iberos* «os mais fortes povos», afirma *Diodoro da Sicilia* (1), organizados em *populi*, em *civitates*. Temos, portanto, Entre Douro-e-Minho os *Callaicos Brácaros* ou *Interamnenses*, servidos dos rios *Avus*, *Nebis*, *Celadus*, *Limia*, *Minius* e *Durius*. Seria Guimarães a tão falada

(1) Segundo o prof. dr. Mendes Corrêa, os Lusitanos seriam pré-celtas, e constituíam os povos que os romanos, invadindo os seus territórios, encontraram; eles constituíam uma tribo de grande importância histórica e política.— *Os povos primitivos da Lusitânia*. Pôrto. 1924.

Sobre os Lusitanos, dos quais Viriato é o herói sublime, apraz-me ainda referir aqui a obra *Viriato*, do sábio alemão Schulten, traduzida brilhantemente pelo distinto antropologista dr. Ataíde, a quem vivamente felicito.

Araduca, de suposta fundação galo-celta? (1) Não datará simplesmente do tempo de Mumadona, a fidalga devota? Isto parece estar já bem provado (2). *Araduca* seria mais uma lenda pouco inocente de cronistas e historiadores de escasso brio. A crer-se em tais histórias, vêmos Guimarães baptizada também com o nome de *Aradiva*, ou, traduzindo, «lugar de sacrifícios a deuses» (3); se esta denominação tem, efectivamente, real origem, ela virá dar a êste meu trabalho, que visa procurar no passado o *simile* de algumas superstições regionais presentes, um pouco de histórico-auxílio (4).

Guimarães, a ser assim notável pelo que seus antiquísimos habitantes sacrificavam a deuses, conservaria também, melhor que qualquer outro agregado humano, tais apêgos supersticiosos pelo decorrer dos séculos. E, por um lado (5), julgo bem que o fôsse, a não ser que se trate de uma *Aradiva* da mesma raça de *Araduca* e com o mesmo benevolente inventor. A Martins Sarmiento, o

(1) Padre Ferreira Caldas, *Guimarães. Apontamentos para a sua história*. Pôrto. 1881.

(2) Conferência sobre Guimarães, postumamente publicada, do ilustre historiador e professor de Medicina, o vimaranense dr. João de Meira. «Revista de Guimarães». 1913.

Do mesmo: *O concelho de Guimarães*, tese de doutoramento. 1907.

(3) Padre Ferreira Caldas, *op. cit.*

(4) Nas obras de desatêrro que se andam efectuando em volta do Castelo de Guimarães tem sido encontrados vestígios de civilização prehistórica, como penedos de cóvinhas (fossettes) e *tegulae*, fragmentos variados de cerâmica, etc. Ando já procedendo ao estudo dessas relíquias, que se me afiguram de altíssimo valor para a história da fundação de Guimarães, porquanto o local está hoje dentro da cidade, em monte de reduzida altura, onde a Condessa Mumadona erigiu, no século X, a primeira torre de defeza, que hoje já não existe e em cujo lugar se ergueu mais tarde, nas próprias ruínas, o castelo que aí se vê. (Vidê, do autor, *O Castelo de Guimarães*, «Ilustração Moderna», número comemorativo da batalha de S. Mamede. 1927). Essa torre seria construída, a meu ver, sobre as ruínas de antiquíssima povoação. Do que mais aparecer, e do que já apareceu, com respectivos comentários, darei um dia contas, após o seu cuidadoso estudo.

(5) Pelo que na nota precedente deixo escrito.

sábio patriota, deve Guimarães um timbre de seu braço fidalgo; homenageando sua memória, é com tudo aquilo que, gastas riqueza e vida, descobriu por todo o concelho de Guimarães, eu ao diante tentarei, muito incompletamente, reconstituir uma escassa parte da sua arqueologia e, por isso, das suas crenças. De Celtas e Lusitanos sabe-se já muito — sempre pouco todavia — do que respeita a crenças, usos e costumes, e já os arqueólogos o disseram; passando em revista a sua religião, vê-se, que adoravam os Astros e tinham os seus bosques sagrados; a Terra, o Ar, a Água e alguns animais eram outros tantos ídolos ou divindades. Aparece-nos *Endovélico*, deus lusitano, com seus sacerdotes e sacrifícios, talvez de origem precéltica e que, a datar do século V, por ventura passasse ao cristianismo; além de outras virtudes, foi um deus curandeiro; surge *Atégina*, deusa também com seu condão de dar saúde a quem a invocasse; aparecem ainda, no mundo da divinização, *Durbedicus*, *Bormanicus*, etc., e por aí além; e com seus deuses, primaciais ou secundários, arrasta-se o culto dos mortos, dos rios e das fontes; os sacrifícios são os mesmos do passado, com os correspondentes sacerdotes; das vísceras de animais e do fogo, os *Aruspices*, por atento exâme, tiravam seus agoiros; muitas divindades eram prendadas com *ex-votos*, possuíam seus recintos sagrados, onde pela noite fora se reüniam em concílio; de tudo isto nos dão notícia as aras, os cipos, as estelas. Aliás, diz o prof. Leite de Vasconcelos: «o culto de cada divindade não ultrapassava geralmente o local em que ela se adorava» (1); a ser assim, demorar-me-ei somente falando daquelas divindades adoradas na região que posteriormente se tornou em concelho de Guimarães. Dentre êsses Deuses, segundo o que colhi, apontarei *Durbedicus*, com ara de granito encontrado na

(1) Prof. dr. Leite de Vasconcelos, *Religiões da Lusitânia*. Op. cit.

freguesia de Ronfe, talvez entidade do fôro das águas do rio *Avus*; *Coronus*, de qualidade ainda não definida, aparecido na freguesia de Serzedêlo; e *Bormanicus*, possivelmente Deus tutelar das águas termais de Vizela. Desta época, a denominar-se bem *lusitano-romana* (séc. III A. C. a séc. V da E. C.), nestas terras compreendidas na província *Tarraconense*, onde calhava o *Conventus Bracarum*, além dos cultos dos mortos e deuses que os Romanos trouxeram, conservaram seu apanágio os já existentes, os locais; uns, de procedência puramente romana, outros indígenas, que foram romanizados (1). Dessa época e da romana, além de *Bormanicus*, *Durbedicus* (romanizados?) e *Coronus*, etc., citei *Júpiter*, de que rezam inscrições de S. Tomé de Negrelos e Serzedêlo (2); às *Ninfas Lupianas* apareceu dedicada uma lápide na freguesia de Tãgilde (3); intra-muros de Guimarães, junto à porta de S. Bento, outra lápide dedicada às *Ninfas* se encontrou (4); é ponto de referir que *Bormanicus* era adorado como Deus curandeiro, quasi igual a *Apolo*, por todo o Ocidente; um outro Deus, *Abelion*, cita-se uma inscrição luso-romana desenterrada na Citânia de Briteiros (5); em Vizela, outra inscrição relativa a *Minerva*, aí com fama de médica; nesta povoação teria *Bormanicus* um santuário e seria existente em tempo de Nero; às *Matres* dos gauleses se asseme-

(1) «À medicação hidro-mineral associavam os Lusitano-romanos, como, segundo vimos, o faziam os seus antepassados, e como hoje o nosso povo o faz ainda, a invocação do auxílio do sôbrenatural». — Prof. dr. Leite de Vasconcelos, *Medicina dos Lusitanos*. Op. cit.

(2) Dr. Martins Sarmiento, *Inscrições inéditas*. «Revista de Guimarães», vol. v. 1888.

(3) P.º Oliveira Guimarães (abade de Tãgilde), *Tagilde* (memória histórico-descritiva). «Revista de Guimarães», vol. xi. 1894.

(4) Mário Cardoso, *Consagrado às ninfas*. «Revista de Guimarães», vol. xxxvi. 1926.

(5) Pereira Caldas, *Decifração plausível duma inscrição luso-romana da Citânia de Briteiros*. «Revista de Guimarães», vol. xix. 1902.

Iha uma escultura pequena da Citânia de Briteiros ⁽¹⁾, que apresenta grandes tetas (segundo Martins Sarmento). Além destas divindades, outros vestígios religiosos, outros restos das passadas civilizações se topam a ródos por todo o concelho de Guimarães ⁽²⁾; assim: objectos que lembram amuletos, das Citânias de Briteiros e Sabroso; os *Castros* são abundantíssimos por todo êste concelho, estando dêles como que muralhada a cidade (Penha, Senhora do Monte, Santo Amaro, Monte Largo, Polvoreira, Monte de Santo António, Pinheiro, etc., etc.). Não posso deixar de referir uma das mais curiosas e discutidas peças arqueológicas descobertas e estudadas pelo dr. M. Sarmento: a *Pedra Formosa* da Citânia, removida para o pôço de Ola e depois em bolandas para o adro de S. Estevam de Briteiros, por um enigmático—quanto às intenções—e bem extravagante abade. Segundo a opinião daquele ilustre arqueólogo, seria uma *ara de sacrificio*. Outro ilustríssimo arqueólogo, Emílio Hübner ⁽³⁾, discorda, dando-a como estela ou frontão. A ser ara de sacrificios, fica-me assim mais uma prova dos usos religiosos dos citanienses de Briteiros e, portanto, da região que nos importa neste trabalho. Na mesma Citânia foi achada uma moeda celtibérica, de prata; com essa e outras moedas, Martins Sarmento cimentou a base

(1) A Citânia de Briteiros seria pré-romana ou céltica. Diz Henri Martin: «Il me paraît probable que Citânia a été fondée par les Celtes ou Gaulois primitifs de la Galice». «Revue Anthropologique», 1880, n.º 11.

(2) Martins Sarmento, *Materiais para a arqueologia do concelho de Guimarães*, em vários volumes da «Revista de Guimarães».

(3) Dr. F. Martins Sarmento, *Observações à Citânia do sr. Emilio Hübner*. Pôrto, 1879. Cabré supõe essa pedra relacionada com o culto fálico (*Una nueva hipótesis acerca de «Pedra Formosa» de la Citânia de Sabroso*, «Actas y memorias da Sociedad Española de Antropología, Etnografía y Prehistoria». T. I. Madrid, 1922). O sr. prof. Mendes Corrêa parece aceitar essa hipótese e assim dá-lhe a significação dum *accubitus* (*Os povos primitivos da Lusitânia, op. cit.*). Êste professor portuense aponta a designação de Sabroso como errada: trata-se da Citânia de Briteiros, e não daquela estação próxima.

para esta opinião: «A população caláica ainda continuou a viver na Citânia, pelo menos até Adriano...» ⁽¹⁾. Citânia de Briteiros, citânia de Sabroso, escavações de Santa Iria, quasi juntas, a poucos quilómetros de Guimarães, relacionadas com as últimas descobertas em redor do castelo desta cidade, eis documentos arqueológicos importantes para quem estuda a Etnografia e a Mitologia destas paragens. Apresentar um trabalho como êste, que se relaciona intimamente com tais factos prè-históricos, sem dêles falar, seria um pecado ao qual poucos, ninguém talvez, lançariam a compadecida absolvição. Já Hübner, avaliando a importância que em tudo revelava a descoberta da Citânia de Briteiros e outras localidades, convidava o arqueólogo vimaranense a publicar todos os frutos de sua penosa tarefa, dizendo: «Uma publicação destas encontraria o mesmo applauso e o mesmo interesse no velho e no novo mundo; faria, em summa, a maior honra a Portugal». Por tudo o que deixo relatado se verifica, ou se pode verificar, o seguinte: a abundância de povoações prè-históricas no concelho e testemunhos insuspeitos do poder e da variedade religiosos dos povos primitivos, anteriores à fundação de Guimarães, em inscrições, em gravuras, moedas, etc. Não há-de ser a tradição neste concelho muito afincadamente viva na sua população moderna? Não bastarão estes factos para prova real? Mas, há que prosseguir, antes que as digressões me levem a ladear o caminho escolhido ⁽²⁾.

A civilização romana deixou inúmeras relíquias nestas terras: a ponte sôbre o Ave, nas Caldas das Taipas; nestas, o célebre

(1) Albano Belino, *Inscrições romanas*. Braga, 1895.

(2) Guimarães pertence ao Minho e ponho esta nota para lembrar o que diz o prof. Leite de Vasconcelos, chamando a essa linda província «a terra clássica das nossas superstições e antigos costumes».—Prof. Leite de Vasconcelos, *Ensaio etnográfico*.

penedo de Trajano, os Banhos velhos, a ara de Nerva; junte-se a isso as Caldas de Vizela, seus mosaicos, suas lápides, e a notável abundância numismática por todo o território vimaranense. A religião dos povos luso-romanos e romanos é por demais conhecida, para aqui se referir; em cotejo com a das passadas épocas, a diferença não espanta. Dum modo vago, podem fixar-se o seu culto dos mortos, a poderosa influência do sobrenatural, e, entre as divindades veneradas, muitas com qualidades salutíferas — sendo a saúde, como a felicidade, a grande ambição dos povos! Conhecem-se os seus deuses guerreiros, os seus génios infernais; e é curiosa a lápide politéa descoberta em Vizela, na casa do Sobrado e já perdida. Segundo Hübner, que a reconstituiu, nela apareceram os nomes de *Lucina, Minerva, Sol, Luna, Fortuna, Mercurio, Genius Jovis, Esculapius, Hygia, Venus, Cupido, Coelus, Ceres, Genius Victoriae, etc.*

Parte importante da sua religião era o exercício cultual, isto é, o sacerdócio. Estes eram constituídos por *flamines* e *flaminicae, sacerdotes-mulieri, sacerdotes-viri*; quer isto dizer, ao lado do homem a mulher exercia o sacerdócio. Havia ainda os *seviros* e os *augustais*. Esta nota de sacerdotes-mulheres cabe nesta altura de palestra para se extrair dela a relação entre tais personagens e os modernos *sacerdotes* dos cultos, das superstições populares: as bruxas, as mulheres de virtude, as feiticeiras! Não serão as bruxas, as bruxas que deitam os ensalmos, que rezam o credo em cruz, que contam até 3 ou até 7 o número das suas repetidas orações, que fazem cruces sobre as regiões do corpo dos doentes, que levam os meninos para cima de penedos (!) para aí lhes «talhar o ar», não serão as bruxas as legítimas representantes das mulheres-sacerdotes de outras eras? Tudo delas as aproxima, para fixarmos tal idéa de origem e herança!

Os intermediários entre o divino e o profano eram os sacerdotes-homens e mulheres; hoje, no que respeita ao culto

supersticioso popular, clandestino portanto, os intermediários entre o sobrenatural e o humano continuam a ser sacerdotes, com outros nomes e outras práticas: os feiticeiros e as bruxas! Da época romana há que falar-se ainda da fórmula de petição aos deuses, comparada à nossa «a todos os santos da côrte do ceu» e que era entre outras, «*diquae deaeque omnes*».

Todos os santos são rogados, como o eram, entre os filhos de Roma, os deuses de seu Olimpo!

Outras divindades eram adoradas, que simbolizavam idéas abstractas como *Pietas, Concordia*; outras, originárias de África e Ásia, como *Isis, Serapis*; de toda esta miscelânea, dêste enrodilhar de idéas, de mitos, de deuses, de crenças no espírito do povo, nos costumes dum só território, pelo rodar dos séculos fugitivos, que efeito não resultaria senão êste amálgama, às vezes bem heterogéneo e caprichoso, da superstição popular actual?

Para guardarem os amuletos, usavam os romanos as *Bullas*, espécie de caixa que hoje é vulgaríssimo encontrar, substituídas por saquinhas e medalhões de 2 tampas de vidro, também com os respectivos amuletos dentro! As fôlhas de prata com fórmulas inscritas tem hoje as lídimas descendentes: as de papel com rezas várias contra vários males, que até alguns padres vendem aos devotos por maior ou menor maquia! Sei de um, paroquiano de uma vila de Trás-os-Montes, hoje já falecido, que contra as *coisas ruins* vendia por não sei quanto os *escritos* (assim os chamavam), sobre os quais, anteriormente, dizia a missa obrigatória! Isto há cerca de 40 anos; e era tal a venda dos *escritos* que até possuía um copiador, para a distribuição ser mais ampla! O dito padre, além desta sua qualidade, também deitava os diabos fora do corpo da gente! Dizia-me a pessoa informadora que êsse padre — e vai isto agora como nota anatómica — sexualmente não era *homem perfeito*! Lá o sabiam...

Contra o quebranto usavam os conquistadores romanos o

fascinum ou *veretrum* ou *phallus*, as númulas, os dentes, algumas moedas. No concelho de Guimarães, que tão fortunosa e abundantemente tem fornecido aos arqueólogos reliquias admiráveis de quasi tôdas as eras, quanto não há ainda soterrado, quanto ainda à espera do alvião e da pá para revelação de novos e preciosos segredos? De tudo o que até agora venho referindo — em relação com as crenças populares gerais e actuais — se vê como foi bastamente povoado outrora o concelho vimaranense. E poderá negar-se a pesada influência de tais crenças pelo passar do rosário infinito dos séculos, sôbre o espírito popular do povo dêste concelho? Não dizem aí mesmo que « Guimarães é terra de bruxas », como a querer afirmar uma especial supremacia em tal *artigo*? Essa supremacia não tem explicação? Julgo encontrá-la em tudo o que de abundante e vário, quanto a prehistória, eu relatei pelo presente trabalho fora. Será ousada a afirmação, ou melhor, será atrevido o meu juízo; a sê-lo, Guimarães m'o perdoará!

No que respeita aos Bárbaros, período suévico, sabe-se pouco referente a êste concelho ou territórios limítrofes; crê-se ter sido em *Bracara* a côrte de alguns dos seus reis e chefes. É tradição que *Bracara* fôra metrópole de igrejas lusitanas. A sua vida religiosa, notando que os Bárbaros entraram como pagãos, evoluciona com três marcas: católica, ariana e outra vez católica, sabendo-se que, quando irromperam na Península, era bem espalhado o catolicismo entre Galeco-romanos e Lusitano-romanos (1). Refiro estes factos passados entre os povos da *Bracara*, a dois passos dos já citados aqui primitivos povoadores do território

(1) É conhecido o cruzamento das raças conquistadoras e conquistadas. Sôbre tal, diz Alexandre Herculano: « A distinção das duas raças, a conquistadora ou gótica e a romana ou conquistada, quasi desaparecera ». E a seguir: « Esta conversão dos vencedores à crença dos subjugados foi o complemento social dos dous povos ». — *Eurico, o presbítero*.

em que, mais tarde — poucos séculos adiante — germinaria o agregado ou vila de Vimaranes (século X), porque os seus costumes se reflectiriam nos dêstes, por aproximação.

Enfim, o que dos Bárbaros se conhece, pode resumir-se, no dizer do prof. L. de Vasconcelos, dêste modo: « paganismo lusitano, paganismo romano, cristianismo com variedades e ortodoxias » (1). Sôbre o combate do clero contra tudo o que representasse opposição às leis canónicas, diz ainda: « deixaram que do passado ficassem uns restos no povo: no próprio catolicismo » (2).

Passaria agora a relatar algumas notas curiosas da Média-Idade, se o não fizesse mais adiante. Resta-me, para terminar esta parte ou, melhor, introdução histórico-arqueológica, citar as seguintes palavras — que fecham bem êstes preliminares — do prof. Leite de Vasconcelos: « Voltando-nos das entidades mitológicas, dos objectos materiais, e do onomástico para as festas, para as superstições, para os usos, não teria fim a enumeração do que na tradição hodierna proclama pristina ascendência » (3).

*

* *

É tempo agora de dizer-se o que são bruxas (4). Objecto de estudo de vários folcloristas, são entidades que, dum modo geral, se dividem ou podem dividir em: *Sóbrenaturais e humanas*.

(1) *Religiões da Lusitânia*, op. cit.

(2) Id.

(3) Id.

(4) A êste respeito poder-se-hão ler os artigos: Consiglieri Pedroso, *Contribuição para uma mitologia popular*. Na revista « O Positivismo », vol. II; *Estudos de mitografia portuguesa*, id., vol. II; *Tradições populares portuguesas*, id., id.; Teixeira Bastos, *Ensaios sôbre a origem das religiões*, id., vol. III; J. Leite de Vasconcelos, *Ensaios etnográficos*; Teófilo Braga, *Costumes e tradições*.

Teme-as o povo, mas procura-as para que com suas artes «curem» certos males e arranjem a satisfação de «desejos especiais».

A bruxa sôbrenatural, que o povo imagina, como imagina os Anjos ou o Diabo, é aquela que aparece de noite nas encruzilhadas e nos carreiros, nas torres das igrejas, nos pinhais ou nos silvedos, nos adros, nas covas e grutas, que voa montada num cabo de vassoura, que tem pacto com o diabo, à volta duma fogueira, em certos dias da semana; enfim, as bruxas são quasi-divindades malélicas que chupam o sangue às crianças, que enguiçam a gente, que se nos enrodilham nos pés para nos iludirmos nos caminhos, que trazem as doenças e os engaranhos. Mas a bruxa humana, a que o povo aponta na rua a dedo, é gente como nós; quasi que se não teme, antes se procura, chama-se a casa ou a sua casa se vai, quer se trate duma mulher que é preciso prender nas fortes cadeias de Cupido, quer duma criatura que é necessário fazer ir dêste para o outro mundo, ou, o que é mais vulgar, para fazer desaparecer qualquer doença.

Como se vê, as duas qualidades de bruxas são antagónicas, assim como tóxico e antídoto: umas fazem o mal originando as doenças, outras desfazem êsses males, no pensar inocente do povo; claramente que umas e outras causam dano, são sempre prejudiciais, porque o resultado dumas, as imaginárias, é malélico, é certo, mas no juízo popular, visto que são morbigéneas; as outras, as humanas, essas sim, é que são real e verificadamente prejudiciais para nós, embora para o povo o não sejam, pois que o resultado de suas práticas é uma desgraça para o «curado» e, às vezes, para elas, a cadeia ou boa sova de cacete. Não falando na impunidade que, na mor parte dos casos, as premeia! E isto é tão banal que os próprios jornais o relatam de quando em quando.

Vejamos agora como são e quem são as bruxas, duma espécie e doutra. A bruxa sobrenatural é representada nos contos,

na ilustração, na imaginação popular por velhas feionas, desdentadas, grenha solta e farripenta crestada dos fogaréus, magricelas, ossos à vista, rotas e descalças, olhos a fuzilarem coriscos; outras vezes são novas, bonitas até; nisto poder-se-há notar a semelhança com as Fadas e as Mouras, geralmente descritas como mulheres formosas nas variadas lendas populares.

As bruxas da outra espécie, as humanas, as que nos roçam pela rua todos os dias, que pertencem ao mundo a que pertencemos, essas são geralmente velhas, não deixando também algumas mulheres novas de pertencer à casta. Como se verifica, as duas espécies são semelhantes; e não se verifica também a afinidade entre estas entidades modernas e as antiquíssimas sacerdotizas dos «Luci», como já referi, as Druidezas da Gália, as Sibilas? As bruxas, repito, são bem as suas herdeiras! (1)

O cristianismo quasi tudo submeteu e destruiu do temperamento supersticioso popular:—mas o que é oculto ou obscuro, o que é proibido ou escandaloso, o que é perseguido ou condenado, ficou e ficará existindo, porque, lá diz o anexam: «fruto proibido é mais desejado!»

Bem que as bruxas vimaranenses sejam do mesmo molde que as de tôda a parte, possuem algumas práticas, alguns ensalmos, alguns ritos particulares, dos quais apresentarei adiante os mais vulgarizados entre a «classe», na impossibilidade de os referir todos; mesmo porque, num dos capítulos da obra de Alberto Braga *Uzanças e Tradições populares*, se poderão ler, assim como tudo o que há de geral na bruxaria daquela região. Como vivem, onde e como aparecem as bruxas? Segundo o aforismo que en-

(1) «As divindades pagãs acham-se principalmente representadas nos nossos costumes pelas mouras encantadas, talvez pelas Fadas e Bruxas, também pelas Virgens, pelos Santos, pelo Cristo, pelo Diabo».—Prof. Leite de Vasconcelos, *Ensaio etnográfico*, op. cit.

cima êste trabalho, em Guimarães teriam sido aos rodos, noutros tempos, visto que o originaram. No tempo actual contam-me dezenas de casos passados com elas, e esta curiosíssima nota: numa das ruas da cidade, com duzentos metros de comprido ou pouco mais, havia nada menos de vinte e duas bruxas!

Longe de mim a idéa de, com isto, querer povoar as outras ruas com tal quantidade, dando ássim a entender que Guimarães é realmente, no exagerado aforismo popular, «Terra de Bruxas». O que no entanto se torna notável é a passada vida religiosa da terra, excepcionalmente grande; se relacionássemos tal facto com o enorme caudal das superstições locais, talvez se chegasse a interessantes conclusões. Só isso daria novo e fornido trabalho. Como disse e é sabido, a bruxa tem ligação com o diabo; êste entrou-lhe no corpo, apossou-se dela, deu-lhe o poder da arte. A par da Bruxa anda a Feiticeira, a Mulher de virtude, o Corpo-aberto (1). E, de facto, tôda esta mágica família é bem procurada pelo povo, que lhe deixa nas algibeiras pecúlio suficiente para vida farta e regalada! Nem só a bruxa é danosa, nem só ela espalha males pelo mundo: sabe-se que o mesmo fazem o diabo, as mouras, alguns animais, as fadas más, os lobis-homens, os monstros, etc. (2). Tôdas estas entidades são irmãs colaças ou próximas parentes! O diabo surge em tudo o que é

(1) Consiglieri Pedroso distingue assim a Feiticeira das Mulheres de virtude: «Pouco se distanciam das nossas mulheres de virtude, a não ser pela extensão dos seus poderes». — *Contribuições para uma mitologia popular*, «O Positivismo», vol. II.

Deve notar-se que, segundo o que observo, essas três entidades, Bruxas, Mulheres de virtude e Feiticeiras são muito confundidas pelo Povo em seu poder e sua personalidade.

(2) A respeito de monstros, sua origem e sua significação, veja-se *A Teatologia nas tradições populares*, do prof. dr. J. A. Pires de Lima. (Comunicação apresentada ao Congresso da Associação Portuguesa para o Progresso das Ciências. Separata. Coimbra. 1926).

mau, tem suas artes, «artes do diabo», tudo persegue e tudo estraga, o porco-sujo; as mouras tentam o desprecatado viajante com seus encantos, à bôca das minas, dentro do rochedo onde estão encerradas; o lobis-homem papa os meninos e aterra-nos! Quando o diabo entra no corpo de alguém, o exorcismo é santo remédio: lá está o padre quando a isso se sujeita ou a bruxa ou bruxo (também há os bruxos) na falta daquele.

Não resisto a transcrever aqui a descrição, incomparavelmente melhor do que poderia eu fazê-la, da personagem «Diabo», que traçou Antero de Figueiredo (1): «Está em toda a parte. Vive na luz e é negrume; veste-se de verdade e é negação. Tem mil nomes. Êle é o Tanso que apalerma; o Carochio que sorna; o Enguiço que tolhe; o Azango que encanzina; o Onzoneiro que engoda; o Diacho que zaranza; o Nico que nos aborrece; o Careca que nos rala; o Dianho que nos enreda; o Tição-Negro que enfarusca; a Cousa-Má que ataranta; o Caipira que conspira; êle é o Mafarrico-perturbador; o Demo-descaminhador; o Malasartes-enrodilhador; o Tatro; o Trado, o Tardo que nos agasta, nos atíça, e nos obriga a impeticar com tudo e com todos. O porco-sujo imundo; o Cão-tinhoso repelente; o Tisnado, o Zarapelho, o Fusco, o Cornudo, que entende com a gente, nos tira a paciência, nos impertina, nos arrelia. O Demónio que nos tenta e perde; o Barzabu que nos engana e corrompe; o Satanaz que nos arrasta e lança nas profundas dos Infernos»!

Ê com esta entidade que a bruxa tem suas relações, seus conciliábulos. A História aponta-nos, como a Literatura, o que têm sido as bruxas nos séculos atrás. Bruxas e feiticeiras deixaram seus nomes, muitas até, nos temidos volumes do Tribunal da Inquisição. Foi Pedro de Azevedo, já falecido, ilustre conservador

(1) *Senhora do Amparo*. 5.ª ed. Lisboa. 1920.

do Arquivo e Biblioteca Nacionais, quem nos referiu ou trouxe à luz tais factos (1). Reis e clero consentiam que algumas vivessem da credulidade pública exercendo a sua medicina religiosa, para a qual tinham devida e registada licença! Os crimes de que fôram acusadas eram variados e por êles o Santo Tribunal as condenava. Ontem, como hoje: só quem não conhece as fórmulas, as rezas, as práticas de muitas bruxas, autênticas alcaiotas, no que respeita ao bruxedo de amor:—desde o enfeitiçar o cubiçado ou cubiçada, até andar a «caír da bôca aos cães», como é costume dizer-se, ao desbaste do fruto de tão embruxado amor—o abôrto criminoso! Fabricam beberagens tais que, no intuito de bruxedo ou pretendida cura, são verdadeiros venenos. E quanta vez, citam-se casos e casos, não se aponta uma bruxa como causadora da morte de alguém! Recordo as palavras do dr. Júlio Dantas a respeito dos bruxedos de amor do século XVIII, em Portugal, para se verificar a que ponto certas pessoas ilustres são arrastadas pela crença supersticiosa: «—O Doutor Curvo Semedo, cubiculário do rei, observador dos mais ilustres que tem tido a medicina portuguesa, médico ilustre que num dos seus livros previu claramente a origem microbiana da tísica, não se envergonhou de tomar a sério, como casos clínicos, anedotas vulgares de bruxedo amoroso, e aconselhou, nas suas *Observações Médico-Doutrinárias*, a infalibilidade de certa bruxaria feita às palmilhas dos sapatos dos maridos...» (2).

Muitas das sentenças dadas no século XVI contra os sortílegos abrangiam-os na classe dos alcoviteiros e abortadores, e os juntavam, na citação, aos assassinos e ladrões. O mais antigo documento que proíbe as superstições populares portuguesas dêsse

(1) *Superstições portuguesas do século XVI*, «Revista Lusitana». 1900.

(2) *O amor em Portugal no século XVIII*. Pôrto. 1916.

«quilate é datado de 1385 (1). Em pleno século XX, a legislação sobre tal não se cumpre ou finge cumprir-se! Ao bruxedo são comparáveis o quebranto, o encantamento, o enguiço, o engarinho, o feitiço, e mais e mais! Na nossa literatura se encontram referências a alguns dêsses males.

Gil Vicente, em muitos dos seus autos, a êles se refere; na comédia *Rubena*, lá está a beata dizendo a Cismena:

«Dou-vos ao Espirito-Santo,
meu amor, minha pombinha:
Deus vos guarde do quebranto».

Na *Farça de quem tem farelos*, diz uma velha a Aires Rosado, que dela mofa:

«Má cainça que te coma,
mao quebranto te quebrante» (2).

Tomás Pires, ilustre investigador etnográfico, cita versos de Belmiro Transtaganano (3) que se referem a filtros, à mirra, a bruxedos, ao môcho, aos esconjuros, etc., assim como o prof. L. de Vasconcelos aponta poesias de Couto Guerreiro, o famoso médico de Setúbal; dentre elas esta alegórica quadra:

«Ali lhe vai pregando cataplasmas
de bruxas, lobishomens e fantasmas
de defunto que tem aparecido
a gente, que com mêdo tem morrido».

(1) Pedro de Azevedo, op. cit.

(2) Maximiano Lemos, *Auto dos Físicos*. 1921.

(3) *Tradições e costumes populares*. «Rev. Lusitana», 1900.

e este belo epigrama:

« Não sei com que parecer
benzedeiros aturais
sendo uns ignorantes tais,
que não se sabem benzer
e querem benzer os mais ».

Com seu especial raciocínio e sua especial crítica de médico, foca Braz Luís de Abreu, no exquisito *Portugal Médico*, alguns aspectos supersticiosos da medicina portuguesa, na parte referente a Bruxas, Feiticeiros, Mulheres de Virtude, etc., . . . A Medicina, a própria Medicina do século XVIII foi, indubitavelmente, muitíssimo supersticiosa. Leiam-se suas farmacopeias! Quem não conhece as prescritas saquinhas de relíquias ao pescoço, indicando sangue de certos animais extraído vivo e tomado em jejum, as pedras preciosas muito referidas para variados males? E as vísceras de animalejos prescritas na terapêutica de há dois, três séculos (1)? Hoje, um dos processos ou técnicas de bruxedo a fazer a uma pessoa mal querida é coser a bôca dum sapo, metendo-o depois pela porta dentro do infeliz enguiçado! Um dos unguentos ainda muito usado em certas chagas ou equimoses é o fabricado com moscas esmagadas. Que representa isto tudo — e mais Nossa Senhora aparecendo, por transparência, num dos ossinhos da cabeça da pescada — senão vestígios dos antigos sacrifícios pagãos, dos exames das vísceras dos animais?

« Nihil novi sub sole » e é bem certo o salomónico ditado do

(1) « Estas credences vêm de muito longe, e Fabre pasma da antiga farmacopeia que leu nas obras de Plínio, e em que figuram dentes de cão negro, focinhos de ratos, olhos de lagartos verdes, corações de serpentes, etc. » — Nota 1 a pág. 147 da obra *Origens da Cirurgia Portuguesa*, do prof. dr. Hernâni Monteiro. Pôrto. 1926.

Ecclesiastes! No afamado *Fausto*, de Goethe (tradução de Castilho, 2.^a edição), pode ler-se, imaginada pelo sábio poeta de Francfort, a reunião do diabo com génios maléficos, como bruxas, feiticeiras, etc. . . . O conciliábulo realiza-se na noite de Santa Valburga, sôbre as montanhas de Harz, regiões de Schirke e Elend (quadro XXI); este concílio assemelha-se ao que por aqui se conhece entre o diabo e as bruxas, certo dia da semana, a sexta-feira. Não tem a nossa noite de S. João seu sabor mágico, no que respeita às sortes que se deitam, ao alho pôrro que se vende extraordinariamente — bom para afugentar malefícios — etc? O nosso grande Camilo, nalgumas das suas obras apresenta quadros magistralmente traçados, em que as bruxas se enrodilham nas principais personagens (« Brasileira de Prazins », « O Sangue », a « Bruxa de Monte Córdova », etc.) (1). Na « Brasileira de Prazins », para quem quiser conhecer bem o deitar os exorcismos, leia-se o modo como o faz Frei João a Marta, considerada pelo bronco frade como possessa do demónio!

Outros escritores imaginaram, por ventura mais fantasiosamente que o ignorante povo, as bruxas, o diabo, o inferno. Dante, na sua *Divina Comédia*, idealizou terrivelmente os sete círculos do reino de Lucífer, onde quem entra tem de deixar cá fora « ogni speranza! »

Shakespeare, no seu *Macbeth*, dá-nos a gruta das Feiticeiras idealizada a seu modo; e por aí fora, sem conta o número de autores e pintores (Goya, etc.) que a seu belprazer, seguindo ou não a tradição popular, imaginaram lugares e entidades sobrenaturais. E se às vezes, como é observado, o sobrenatural tenta os espíritos cultos, o que acontecerá aos espíritos bárbaros?

(1) Alberto Braga, *Usos e costumes, tradições e bruxaria, nas obras de Camilo Castelo Branco*. « Revista de Guimarães ». N.º XXXV e seg.

De tôdas estas superstições e histórias nos carregam a imaginação desde meninos, com demónios, lobishomens, papões e fadas; e trememos de mêdo, enrodilhados nos lençóis, as noites dormidas em sobressaltos, sempre a vermos quando as garras dos dragões ou as chamas do demónio entram pelo quarto, para nos desfazerem ou levarem pelos ares fora! Eu vejo, neste hábito dos contos, um dos mais poderosos meios de, se não criá-la, ao menos arreigar no nosso espírito a tradição supersticiosa! Como se viu as nossas bruxas são em geral maldosas (1). Para as afugentar tem o povo seus amuletos e suas fórmulas; servem êstes também contra o feitiço por elas produzido. O feitiço, a fascinação (*Jettatura* dos italianos) eram conhecidas dos gregos e dos romanos, dêles falando Ovídio, Plínio, Plutarco (2).

O nosso povo crê que os sapos enfeitiçam ou fascinam com o olhar as doninhas, e de tal forma que estas lhe vão cair na bôca! E ainda que as cobras, da mesma forma, enfeitiçam os passarinhos que caem das árvores, perdidos de todo! Contra o feitiço, cita o sr. Pedro de Azevedo algumas substâncias extraídas duma obra do século XVIII, de receituário diverso, intitulado *Rimas de varios autores — Diversas cousas curiosas* (3); entre elas, raiz de argibo ou cebola albarrã pendurada da ombreira da porta! Sabe-se também da crença que há no poder curativo das pedras preciosas.

Num rol de botica que copiei dum «Livro de Termos do Hospital da Misericórdia de Guimarães», datado do século XVIII,

(1) Alberto Braga, *As bruxas de Pencêlo*. «Revista Gil Vicente», n.ºs 5 e 6. Guimarães. 1926.

(2) Giovanni Pansa, *Jettatura*, em «Archivio per le tradizioni popolari», vol. III.

(3) Pedro de Azevedo, *Receitas de Medicina popular portuguesa do século XVII*, «Revista Lusitana». 1896.

encontrava-se grande número delas. Contra as bruxas, usa-se em Guimarães:

— Lançar no primeiro banho duma criança alguns objectos de aço.

E também esta oração:

S. João Baptista
assista, consista, resista,
derredor da minha casa assista.
(3 vezes).

Ou ainda:

Oca, marnoca,
tres vezes oca;
pé no pé, freio na bôca
Tista, contista,
tres vezes tista:
S. Pedro, S. Paulo, S. João Evangelista
— Derredor da nossa casa assista.

Com a variante:

S. Pedro, S. Paulo
S. João Evangelista
em redor da minha casa assista,
que se alguma bruxa,
ou feitiçeira ou meigueira,
comigo quizer entrar,
conte primeiro as areias do mar
E Jesus manadícula dómene
Deus de Arrael.

Como se verifica por algumas fórmulas, quem ensina tais ensalmos é Nossa Senhora, é S. Silvestre, é Cristo! Mais existem,

abstendo-me de as mencionar para que se não alongue demasiadamente êste trabalho. As bruxas são capazes de tolher a gente por tôdas as formas:—metem-se com quem passa nos caminhos, entram pelas chaminés, esbofeteiam a cara do tolhido, correm atrás dêle, fazem-no perder o tino dos carreiros, etc., etc.; e tudo isto, no entanto, sem sêrem vistas! E, se calha de morrer o embruxado algum tempo depois, lá estão as bruxas a pagar pelo acontecimento. Amuletos e substâncias que usam contra elas (1):

— O alecrim, a arruda e o trevo de 4 fôlhas, ao qual alude a desanimada e pessimista quadra popular:

O trevo de quatro folhas
Quem o achar tem fortuna;
Apezar de o ter achado
Inda não fivè nenhuma!

Além do referido, aí vai o seguinte: a ferradura, o azeviche, o sino-saimão, a regra de S. Bento (2), medalhões de Santos, cruces, figas, cornichos de vaca-loira, contas, reliquias de santos, escapulários, etc.

Não me refiro, neste trabalho, a tudo o que se pareça a *sanciprianismo*, visto êste não ter sabor popular algum.

Com o livro de S. Cipriano anda também à venda uma certa literatura de cordel, à qual igualmente me não refiro. Como já disse, o povo traz geralmente os amuletos em saquinhos-correspondentes às *Bullas* pagãs —; êles afugentarão as bruxas, mas o melhor seria que o povo não fôsse procurá-las ou que elas, contra o povo, usassem também amuletos especiais!

(1) Podem ler-se, por semelhança com as de Guimarães, as *Tradições populares de Santo Tirso*, pelo dr. A. C. Pires de Lima. «Revista Lusitana». N.º XVIII e seg. Lisboa.

(2) Um exemplar que possôo traz no final, contra os demônios, uma oração a Santo Anastácio e outra a S. Roberto.

*

* *

Aqui estou chegado ao ponto principal dêste estudo: a parte médica dos bruxedos. Além da sua arte em questões de bruxedos de amor, a bruxa tem esta suprema qualidade:—curar as doenças com as suas fórmulas, seus ensalmos, suas práticas. Vejamos de que espécie é a sua terapêutica mais importante; a forma vulgar dos *recipes* é o ensalmo:—com algumas palavras, tanta vez sem nexo, nem sentido, das quais é impossível, a cada passo, procurar a origem, entremeadas de nomes de santos e mais certos gestos e atitudes, está tudo feito! Têm fórmulas medicamentosas, se assim se lhes pode chamar e de que é também impossível, às vezes, obter o segredo da constituição. Entre certas substâncias componentes dos remédios, conheço: ossos moídos, plantas várias (alecrim, sabugueiro, etc.) e cabelos cortados em pequeninos fragmentos! Vejamos agora qual a Patologia que está na alçada da sua Terapêutica. Em primeiro lugar, vêm as doenças do sistema nervoso; quási só a estas se poderia resumir a ciência mágica da bruxa. Dentre elas, aparecem vulgarmente a histeria e a epilepsia, seguindo-se-lhes a demência, a neurastenia, a idiotia, delírio melancólico, paranóias. E quando o sistema nervoso não é o culpado do mal, ou melhor, o molestado, a bruxa tem na sua fantástica botica *alivio* para outros órgãos e aparelhos sofredores:—assim, o clorótico, o anémico e o tuberculoso são olhados pela bruxa como tomados de mau ar, ar ruim ou do demónio. Por seu lado, o povo crê êstes doentes, muita vez, empeçonhados por elas! Eis uma das muitas inexplicáveis opiniões populares! Isto é: Bruxa fêz, bruxa curou! *Similia similibus curantur!*

Nas moléstias nervosas é maior o exercício do Bruxaísmo; o povo não atina com a explicação de casos tam exquisitos, não

procura o médico; em seu entender são obras de *Tranglo-Manglo* ou de um «ar que apanhou» e disto êle não percebe. O mesmo povo diz que o «nervoso é parente direito do diabo». Se o médico por acaso é ouvido e o seu prognóstico é sombrio, a família resolve em vez de gastar um dinheirão em mexorifadas de botica, gastar menos e ir à bruxa, optando assim pelo tema «não vale a pena»! Lá vão de romagem a casa da grande *médica*; seus ares sibilinos, graves, seduzem; suas palavras doces são como o visgo, prendem facilmente a imaginação; o doente é defumado, crivado de ensalmos, segue à risca as suas prescrições, acomoda-se e, por segredos do acaso, começa a melhorar daí por diante, quando melhora! E eis a fama da bruxa a crescer, porque a cura foi um facto, foi mesmo «dito e feito»! Há algumas mulheres muito devotas, aliás, na religião cristã, que se dedicam à cura de certos males, sem serem pròpriamente bruxas:— são então as mulheres de virtude. Mas as bruxas, sim senhor, como essas não há, essas sabem tudo. Terra de cemitérios colhida em 3 sepulturas, fôlhas de arruda e alecrim, fogueiras, cogitações sôbre sebatas cartas de jogar, o sapo, a cobra, a cãveira, o azeite, os ossos de defuntos, etc., eis o arsenal de sua reduzida botica.

Se o doente não pode ir à bruxa, também não é preciso, o diagnóstico faz-se de longe, e a terapêutica também:—uma camisa, umas calças, um lençol bastam, desde que pertençam ao enfêrmo. Lembram os uromantes antigos, que só pelo aspecto da urina diagnosticavam a entidade mórbida do padecente.

Nem sempre a bruxa usa da sua farmácia:—às vezes só o ensalmo é empregado. Os seus ensalmos são variadíssimos; num capítulo, o primeiro do estudo «Medicina Popular» que estou publicando na *Revista Lusitana* do prof. Leite de Vasconcelos, intitulado *Santos Curandeiros*, já referi bastantes. Dum modo geral, pode dizer-se, segundo observo, que as orações e ensalmos que andam na sabe-

doria de todo o povo, são os usados também pelas bruxas; mas só ditos por elas é que são benéficos! Na impossibilidade de dar aqui o rol de todos os conhecidos, passarei a citar alguns mais vulgares, e com sabor mais ou menos mágico, transcritos da obra já citada *Usanças e Tradições Populares de Guimarães*, por Alberto Braga:

—A filha de uma mulher de Santa Leocádia foi ferida de um ar ruim por se conservar à porta de casa, ao tanger das Trindades. Consultada uma feiticeira, ditou a seguinte receita: cortar um mônho (punhado) de lã duma ovelha preta, deitar-lhe três pingos de azeite e dizer, por cada uma das vezes:

Ovelha preta
em ti tens virtude,
tira-me êste mal
junta-o com êste lume.

Depois passar a lã três vezes pelo fôgo e aplicar o mônho sôbre a parte doente.

— *Contra os cães danados:*

Homem encomendado à luz
e à santa bela cruz
e à Santíssima Trindade
e ao Rei da Virgindade
e ao glorioso S. Romão
que tem o corpo em Roma
e a cabeça em Portugal:
que me livre de cão danado,
por danar, bicho achado,
por achar, homem morto,
mau encontro; homem vivo
com perigo; S. Romão
seja comigo.

— *Oração à lua (para livrar dos males):*

Benza-te Deus, lua nova;
vou-vos pedir uma esmola,
vós bem ma podeis fazer,
que sois tanto como a aurora;
livrai-me dos males
que vem de fóra
e do lume ardente
e da língua da má gente.

— *Ensalmo para talhar o ar:*

Fazer o sinal da cruz e depois saber o nome da pessoa a quem se vai talhar: Fulano, se tens ar eu to vou talhar. Ar da noite, ar do dia, ar do pino do meio-dia, ar do pino da meia-noite, ar da manhã, da trindade, ar das estrêlas, ar das portas, ar de travêssos e janelas; ar das encruzilhadas, ar de feitiçaria, ar de bruxaria, ar de encanhos e engaranhos, ar de esterparço, de mal de inveja, ar corrupto moribundo, ar atrevido, ar remido e de espírito requerido, ar de morto, ar de vivo excomungado, ar de morto excomungado e de todos os males e ares e males que te empeceram e pelas unhas dos pés te foram botados, para o mar sem fundo sejam degredados. (Repetir 6 vezes).

— *Para talhar a má olhadura:*

Molha-se o dedo polegar no azeite da lamparina, fazem-se 3 cruces na testa enquanto se vai dizendo:

De dous (os olhos) to deu,
três to firaram
que são o Padre, o Filho e o Espírito Santo.

Dito isto, o operante defuma-se com alecrim verde.

— *Para talhar o ar às crianças:*

Queimam-se: 1 pé de alhos, 3 pedras de sal, 3 bocados de alecrim, bosta sêca de tapar o forno e passa-se a criança 3 vezes pelo fumo, dizendo:

Ar e arejo
para trás das costas o despejo.

— *Para defumar uma criança:*

Tendo algumas brazas num têsto, deita-se-lhes palhas alhas e romeiro (alecrim); passa-se a criança 3 vezes em cruz, dizendo-se de cada vez:

Assim como Nossa Senhora
defumou seu adorado filho
para ele medrar
assim eu defumo o meu menino
para ele sarar.

*

* *

Ponto final na transcrição, que seria longa, a fazer-se tôda. Como se vê, os ensalmos são de vária ordem, com defumadoiro ou sem êle, com Santos à mistura ou sem Santos. A histeria e a epilepsia são tidas geralmente como resultantes de diabos que entraram no corpo do doente; para êstes padecimentos há os exorcismos que podem ser lidos por um padre ou por uma bruxa. Claro que são variáveis dêste para aquele; a maneira como tal se faz, aliás bem conhecida, pode lêr-se ainda na citada obra de Antero de Figueiredo, com algumas variantes (e que eu próprio observei uma vez); figura e modos do *Enxota-Diabos* são característicos. Claro que o que actua na leitura dos exorcismos é a

sugestão, nada mais, e posso aqui transcrever as palavras que Antero de Figueiredo põe na bôca do seu *Enxota-Diabos*, que são bem expressivas: «Não são possessos, são doentes, quem os cura sou eu e só eu». Assim é a superstição popular, a crença no sobrenatural; pelo que disse até aqui, as bruxas ficam conhecidas; de resto, nada mais a dizer. O povo continuará a procurá-las, enquanto a inteligência se lhe não abrir com a alvorada dum raciocinar firme e ansioso de verdades.

Emquanto tal não acontecer, as bruxas continuarão a sugá-lo no juízo e na algibeira. Quanta vez, arrecadadas no bôlso da saia folhuda as moedas da consulta, a bruxa não rirá, escarninha e gozoza, do doente que acaba de lhe sair a porta, alcunhando-o de «grande tôlo»; se o enfêrmo, voltando atrás, colar a concha do ouvido ao buraco da sua fechadura, ouvirá ainda o estalar soturno, mas justo, das gargalhadas da bruxa que acaba de...
curá-lo!...
